



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-PORTUGUÊS**

**CLAULINNE CÉSAR FILGUEIRA**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**GUARABIRA – PB  
2021**

CLAULINNE CÉSAR FILGUEIRA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras-Habilitação Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Formação docente.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Ma. Karla Valéria Araújo Silva

**GUARABIRA – PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F481e Filgueira, Claulinne César.  
Educação de jovens e adultos [manuscrito] : algumas reflexões a partir do estágio supervisionado / Claulinne Cesar Filgueira. - 2021.  
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Karla Valéria Araújo Silva ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Metodologias de ensino. 2. Estágio supervisionado. 3.  
EJA. 4. Ensino e aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 374

**CLAULINNE CÉSAR FILGUEIRA**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras-Habilitação Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Formação docente.

Aprovado em: 06/10/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Ma. Karla Valéria Araújo Silva (UEPB)  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (FIP)  
Examinadora



Prof. Esp. André Luiz Souza-Silva (UEPB)  
Examinador

A Deus, aos meus pais, a minha  
amiga Larissa, e ao meu namorado  
Diego, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 QUEM SÃO OS ALUNOS DA EJA? .....</b>	<b>9</b>
<b>3 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO LÓCUS DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO DO TRABALHO DOCENTE .....</b>	<b>10</b>
<b>4 DA METODOLOGIA ÀS VIVÊNCIAS DOCENTES .....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>4.2 EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA.....</b>	<b>15</b>
<b>4.3 REPENSANDO O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM APÓS ÀS VIVÊNCIAS NOS ESTÁGIOS .....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>20</b>

# EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Claulinne César Filgueira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo alinha-se com as discussões sobre as metodologias de ensino no processo de ensino/aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (doravante, EJA). O interesse por essa discussão resulta das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado, componente curricular obrigatório na licenciatura em Letras da UEPB, tanto de observação quanto de regência, especificamente na EJA, sendo essa a principal motivação para o desenvolvimento deste estudo. Nesse sentido, temos como objetivo discorrer sobre a importância das metodologias sociointeracionistas no processo de ensino/aprendizagem na EJA. Como objetivos específicos, elencamos: a) discorrer sobre os impactos do Estágio na formação docente, b) refletir sobre a modalidade da EJA, apontando as especificidades do seu público-alvo, c) repensar e discutir sobre o ensino na EJA, após as vivências no Estágio. Este trabalho se justifica por promover uma reflexão sobre o Estágio como um espaço de aprendizado, formação e prática docente e não apenas uma disciplina do curso de licenciatura. Nossa metodologia é de abordagem qualitativa e as discussões apresentadas têm como fundamentação as contribuições de autores como: Barreiro; Gebran (2006), Pimenta; Lima (2011), Oliveira (2010), Borssoi (2008), Brasil (2006), Silva (2014) entre outros.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. EJA. Ensino e Aprendizagem. Metodologias de ensino.

## ABSTRACT

This article is in line with the discussions on teaching methodologies in the teaching/learning process in Youth and Adult Education (hereinafter, YAE). The interest in this discussion results from the experiences lived in the Supervised Internship, a mandatory curricular component in the Licentiate Degree in Portuguese language at UEPB, both in observation and in regency, specifically in YAE, which is the main motivation for the development of this study. In this sense, we aim to discuss the importance of socio-interactionist methodologies in the teaching/learning process in YAE. As specific objectives, we list: a) discuss the impacts of the Internship on teacher training, b) reflect on the YAE modality, pointing out the specificities of its target audience, c) rethink and discuss about teaching in YAE, after the experiences in the Internship. This work is justified by promoting a reflection on the Internship as a space for training and teaching practice and not just a subject of the licentiate course. Our

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras- Português, pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus III. E-mail: claulinnnecesarf@gmail.com

methodology has a qualitative approach and the discussions presented are based on the contributions of authors such as: Barreiro; Gebran (2006), Pepper; Lima (2010), Oliveira (2010), Borssoi (2008), Brazil (2006), Silva (2014) among others. The results of this work point to the relevance of the Internship process during initial training, understanding it as a space for learning and reflections on teaching methodologies and practices.

**Key-words:** Supervisioned Internship; YAE; Teaching and Learning; Learning Methodologies.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino/aprendizagem é estabelecido a partir de uma troca entre educandos e educadores, ou seja, os papéis se complementam e estão imbricados constantemente, pois, ao mesmo tempo que o professor ensina, ele está aprendendo com as experiências e vivências dos seus alunos, e tal processo precisa ser dialógico. Pensando, então, nessa perspectiva é que conseguimos perceber a importância das metodologias ativas, pois, é através desse encaminhamento, que o educador vai conseguir ministrar uma aula mais interacionista, fazendo com que os alunos se mantenham interessados pelas trocas sociais, culturais, linguísticas, entre outras.

Isto posto, o presente trabalho tem como objetivo principal discutir a importância das metodologias ativas no processo de ensino/aprendizagem a partir da minha<sup>2</sup> experiência no Estágio Supervisionado (Letras/Português) de observação e de regência na Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA). Temos assim, o intuito de propor aos educadores uma discussão sobre a importância de aulas mais dinâmicas e interacionistas, em que os alunos serão também responsáveis pela sua formação, sendo não ouvintes passivos, mas ativos e participativos dentro da sala de aula, tornando-se protagonistas no seu processo de aprendizagem. Como objetivos específicos, temos: discutir a importância do Estágio como locus de formação do trabalho docente; refletir sobre a EJA – Educação de Jovens e Adultos e suas particularidades; e repensar o processo de ensino/aprendizagem através das experiências pós Estágio.

Vale destacar que a discussão que propomos neste trabalho é resultado da minha experiência no Estágio Supervisionado I e II (observação e regência), no qual eu tive a oportunidade de vivenciar a atuação de professores e de ministrar aulas também. Tais experiências correspondem à principal motivação do nosso estudo, o qual se justifica pelo fato de buscarmos refletir também sobre a importância desse momento da graduação para a formação do futuro docente.

Para tanto, este artigo que adota uma abordagem qualitativa, encontra-se organizado da seguinte maneira: a princípio, será apresentado um breve histórico sobre a EJA, todo percurso que essa modalidade de ensino passou até os dias atuais. Em seguida, iremos trazer uma breve descrição do perfil dos alunos que geralmente fazem parte da EJA, contemplando as características e as especificidades desse público. No tópico seguinte, será abordada a importância do Estágio Supervisionado como locus de reflexão, enfatizando a sua finalidade na formação dos graduandos, em seguida,

---

<sup>2</sup> O uso da primeira pessoa nesta seção introdutória e no decorrer do texto se justifica pelo meu envolvimento direto com as motivações desta pesquisa.

será apresentada a seção da metodologia que traz as experiências vivenciadas tanto no Estágio de observação, quanto no de regência. Logo mais adiante, será exposto o tópico que irá trazer uma reflexão pós Estágio sobre as metodologias de ensino/aprendizagem na EJA e, por fim, as considerações finais enfatizando alguns pontos importantes que foram apresentados em todo trabalho. Sendo assim, para a fundamentação teórica desse artigo, nos embasamos nos autores Barreiro; Gebran, (2006), Pimenta; Lima (2011), Oliveira (2010), Borssoi (2008), Brasil (2006), Silva (2014) entre outros.

## **2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Para entender a trajetória da escolarização da EJA, é preciso fazer um pequeno percurso histórico acerca de alguns programas pedagógicos anteriores que foram essenciais para o desenvolvimento do cenário educacional brasileiro. Assim sendo, a primeira campanha de educação para adultos foi por volta de 1947, coordenada por Loureço Filho, educador e pedagogo brasileiro. O programa tinha como título CEAA, Campanha Nacional de Educação de Jovens e Adultos e, de acordo com BEISEGEL (1974 apud ALMEIDA; CORSO, 2015),

Essa Campanha entendia a educação como processo destinado a proporcionar a cada indivíduo, segundo suas capacidades, os instrumentos indispensáveis ao domínio da cultura de seu tempo, as técnicas que facilitassem o acesso a essa cultura e com os quais cada homem pudesse desenvolver-se e procurar melhor ajustamento social (p.1286).

Tal campanha, por ter sido a primeira, durou por muito tempo e teve grande êxito, já que foi um projeto criado para desenvolver melhorias à população dos brasileiros analfabetos. Ela teve grande sucesso e foi evoluindo com o passar dos anos. Dessa forma, já que a educação voltada para adultos tinha tido grande sucesso, chegou um momento em que os resultados não foram mais os mesmos e o Ministério da Educação surgiu com o segundo Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos em 1958. Mas, por volta de 1963, o Ministério da Educação encerrou a Campanha Nacional de Educação de Adultos iniciada em 1947 e encarregou Paulo Freire de se empenhar na produção de um Programa Nacional de Alfabetização. Esse movimento, como as demais decisões da sociedade civil, que tinham como centro de suas ações a transformação social, foi findado em 1964 com o Golpe Militar (ALMEIDA; CORSO, 2015).

Mas, antes de falar do Golpe Militar, é preciso voltar um pouco no tempo e rememorar a época da colonização, em que a educação brasileira teve início com a vinda dos jesuítas para o Brasil, com o objetivo de propagar o catolicismo. Para tanto, o ensino dos jesuítas tinha como finalidade não apenas a mediação de conhecimentos científicos, escolares, mas a propagação do cristianismo. Nesse período, a educação dos adultos se deu de forma assistemática e não se constatou iniciativas governamentais significativas para a melhoria da qualidade do ensino que era prestado aos cidadãos. E, com a expulsão dos jesuítas, ocorrida no século XVIII, se desorganizou o ensino até então estabelecido (FREIRE, 2006, apud ALVES; CARNEIRO; 2019).

Posteriormente, surge na época do Regime Militar, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que tinha como objetivo acabar com o analfabetismo no Brasil. Esse movimento encontra-se no cenário do Regime Militar brasileiro, iniciado em 1964, cujo governo passa a monitorar os programas de alfabetização de forma centralizada. Até então, duas décadas antes, a reflexão e o debate em torno do analfabetismo no país convergiam para a consolidação de um novo modelo pedagógico (MENEZES, 2001).

O Mobral tinha o mesmo intuito das propostas de alfabetização do educador e filósofo Paulo Freire, que consistiam em ensinar a ler e escrever, uma vez que Freire sempre lutou por uma educação mais democrática e libertadora. A campanha Mobral foi como uma das respostas àquele período de intensa mobilização social que permaneceu vigente por quinze anos. Longe de prosseguir o que era realizado anteriormente pelos movimentos de alfabetização, o Mobral centralizou as iniciativas como órgão de concepção e de execução, restringindo o conceito de alfabetização à habilidade de aprender a ler e a escrever (ALMEIDA; CORSO, 2015).

Depois do Mobral, vieram outras campanhas que tiveram destaque e importância para a educação, como: o supletivo, que foi regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB) nº 5.692/1971, e o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC). Logo depois desses programas, por volta dos anos 90, a Educação de Jovens e Adultos, começa a se desenvolver e a ganhar bastante destaque, tornando-se um programa de cunho importante e prioritário no governo de Luís Inácio Lula da Silva, entre os anos de (2003 - 2010).

Nesse mesmo governo, surgem algumas iniciativas que foram distribuídas no período compreendido entre 2002 a 2006 voltadas aos jovens e adultos trabalhadores, e, conforme Almeida e Corso (2015, p. 1293),

Entre estas destacam-se: Brasil Alfabetizado, Saberes da Terra, Proeja, Escola de Fábrica, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, ENCEJA, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã, Plano Nacional de Qualificação, Agente Jovem, Soldado Cidadão, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, PRONERA, PROEP (Ministério da Educação e Ministério do Trabalho), Plano Nacional de Qualificação, PNQ (MTE), Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da área de Enfermagem - PROF AE (Ministério da Saúde), Programa de Assistência e Cooperação das Forças Armadas à Sociedade Civil/Soldado Cidadão (Ministério da Defesa).

É importante destacar que ainda durante esse período surgiram outros grandes projetos que foram desenvolvidos: O primeiro foi a Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA), que foi criado pelo decreto nº 5.478 de 24/06/2005 para atender os jovens e adultos. O segundo, Programa Nacional de Inclusão de Jovens, (PROJOVEM), que foi destinado a jovens de 18 a 29 anos, que já saibam ler e escrever, mas que não tinham concluído o ensino fundamental. No decorrer dos anos, foram desenvolvidos outros programas, pois quando um não estava tendo resultados satisfatórios, vários outros iam sendo criados e modificados para melhor atender a esse público. Eram projetos que tinham como finalidade o direito à educação para todos. E, dentro dessa mesma perspectiva de programas criados ao longo do tempo, projetos que foram aprovados ou não, é que surge o que se chama hoje de EJA, que pode ser compreendido como:

[...] modalidade educacional que atende a educandos-trabalhadores, tem como finalidades e objetivos o compromisso com a formação humana e com o acesso à cultura geral, de modo que os educandos aprimorem sua consciência crítica, e adotem atitudes éticas e compromisso político, para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual (BRASIL, 2006, p. 27).

Segundo a Lei de Diretrizes Básicas e Bases da Educação Nacional (LDB Nº 9394/ 1996), a EJA foi criada por Paulo Freire com intuito de levar a educação para todos. É impossível não lembrar de Freire quando o assunto é a Educação de Jovens e Adultos, pois o mesmo é conhecido por ter marcado a educação brasileira e por desenvolver métodos pedagógicos para se tornar possível a alfabetização e educação para todos os públicos, desde a criança até o adulto.

Quanto à EJA, é importante ressaltar que também já foi conhecida como supletivo, que poderia ser concluído em um tempo curto de três anos, dois anos para o ensino fundamental, e um ano para o ensino médio. A sua atual finalidade consiste em favorecer a oportunidade de estudar àqueles que por algum motivo não conseguiram fazer e/ou terminar a escolarização em tempo hábil.

No próximo tópico, iremos discorrer brevemente, sobre quem é o público alvo da EJA e quais as suas especificidades.

## 2.1 QUEM SÃO OS ALUNOS DA EJA?

O público da EJA é composto por alunos que, por algum motivo, tiveram que deixar a escola muito antes do tempo previsto nos documentos oficiais no que se refere ao início e conclusão dos ciclos de formação da educação básica. São sujeitos que tiveram que escolher entre a escola e o trabalho para conseguir sobreviver, adultos que não tiveram oportunidade de estudar, pessoas que trabalham durante o dia e só podem estudar à noite. Conforme descreve Paiva (1983, p. 19 apud VERIDIANA, 2017, p.23):

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas.

Na EJA, a faixa etária mínima para o ingresso é de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio. Dentro das turmas da EJA, será comum encontrar alunos que não sabem ler e escrever (analfabetos), sujeitos de variações de classes sociais, tanto da zona urbana, quanto da zona rural, alunos avançados e alunos um pouco menos preparados, sem uma bagagem escolar consistente.

Não é uma tarefa fácil alfabetizar alunos da EJA, até porque quando esses alunos procuram voltar para a sala de aula é quando se deparam com uma realidade não tão simples, que é a de entrar no mercado de trabalho. Muitos desses jovens tiveram que deixar a escola para poder trabalhar e ajudar os pais em casa e quando procuram voltar é quando passam da fase da adolescência para a vida adulta e se deparam com várias cobranças exigidas para se ter um bom cargo, por exemplo, em

uma empresa. E, é por esse motivo que o indivíduo compreende que necessita de conhecimento escolar e começa a buscá-lo com o objetivo de mudar de vida.

Além disso, a EJA atende a outro público, a saber:

Uma outra demanda a ser atendida pela EJA é a de pessoas idosas que buscam a escola para desenvolver ou ampliar seus conhecimentos, bem como têm interesse em outras oportunidades de convivência social e realização pessoal. São pessoas que apresentam uma temporalidade específica no processo de aprendizagem, o que as faz merecer atenção especial no processo educativo (BRASIL, 2006, p. 30).

Nesse contexto, considerando, então, a diversidade de pessoas e conhecimentos, é importante lembrar que alguns alunos da EJA, quando retornam para a sala de aula, retornam com outra perspectiva, com outra visão e com diversas dificuldades por terem passado muito tempo fora da escola. Como também existem alunos que reprovam durante a modalidade regular, passando anos repetindo aquela mesma série e acabam sendo levados a cursar a EJA por não ter mais idade adequada para se inserir na modalidade de ensino regular. E, pensando nesse mesmo cenário, é que deve surgir a preocupação com a aprendizagem desses sujeitos, pois o educador tem como responsabilidade conhecer o perfil desses alunos, respeitando sua individualidade e realidade. Como é sabido, o processo de aprendizagem não é adquirido apenas na escola e sim nos mais variados espaços ocupados por esses sujeitos (família, associações, bairro etc.).

O retorno do aluno ao processo de escolarização, no contexto da EJA, é empolgante e esperançoso, pois esses alunos esperam encontrar na sala de aula não um professor que saiba apenas compartilhar conhecimentos e que saiba aplicar tarefas (o que acontece por vezes de forma mecanizada), mas que tenha uma metodologia adequada e que facilite não a memorização, mas, de fato, o aprendizado do conteúdo ministrado.

Considerando que uma das maiores dificuldades enfrentadas por esses estudantes é a conciliação do trabalho com a responsabilidade de se manter na escola, já que a maioria desses educandos são jovens trabalhadores que tem responsabilidades familiares e que se tornaram pais muito jovens, é que enfatizamos a importância de se ter uma aula atrativa e interacionista como forma de manter a atenção dos alunos para o assunto apresentado, fazendo com que as muitas dificuldades possam ser sanadas nesse novo processo de aprendizagem, evitando, assim, a desistência desses sujeitos.

No próximo tópico, iremos discutir sobre o Estágio Supervisionado e como ele pode se constituir um espaço de reflexão acerca da formação e prática docente.

### **3 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO LÓCUS DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO DO TRABALHO DOCENTE**

O Estágio Supervisionado corresponde inicialmente a um componente curricular obrigatório na maioria dos cursos de graduação, que tem como finalidade levar o aluno a desenvolver e colocar em prática o que adquiriu na teoria dentro do curso escolhido. Esse momento de Estágio é uma oportunidade para que o aluno vivencie a realidade da profissão que pretende seguir. O Estágio Supervisionado é um componente curricular de atividade de preparação e que só pode ocorrer em unidades

escolares onde o estagiário assuma efetivamente o papel de professor, sendo assim, os sistemas de ensino devem permitir às instituições formadoras a abertura de suas escolas de educação básica, para a execução do Estágio Supervisionado, ou seja, dar oportunidades para aqueles que estão entrando nessa área da docência.

Esta abertura, considerado o regime de colaboração prescrito no Art. 211 da Constituição Federal, pode se dar por meio de um acordo entre instituição formadora, órgão executivo do sistema e unidade escolar acolhedora da presença de estagiários. Em compensação, os docentes quando estiverem atuando nesta escola poderão receber algum modelo de formação continuada a partir da instituição formadora (BRASIL, 2001 apud SOUZA NETO; IAOCHITE, 2013).

Para alguns alunos, essa etapa de Estágio é considerada não muito importante, às vezes é apontada até como irrelevante pelo fato de já trabalharem na área da docência. Mas o Estágio Supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, além de ser um importante instrumento de integração entre universidade, escola e comunidade (FILHO, 2010 apud BERNARDY, PAZ, 2012). Logo:

No sentido de compreender o estágio como via fundamental na formação do professor, é essencial considerar que o mesmo possibilita a relação teoria-prática, conhecimentos do campo de trabalho, conhecimentos pedagógicos, administrativos, como também conhecimentos da organização do ambiente escolar, entre outros fatores (BORSSOI, 2008, p.01).

O Estágio tem como objetivo principal não só apresentar para os graduandos como será a sua vida como docente, mas conscientizar o estagiário sobre o seu papel como professor no processo socioeducativo. Além disso, o Estágio dará oportunidade ao aluno de explorar a sua criatividade didática nas situações em que o mesmo só terá êxito na prática, como por exemplo, se será capaz de elaborar um plano de ensino e de aula, e se conseguirá manter a relação entre professor e aluno já que é um dos fatores principais quando o assunto é processo de ensino/aprendizagem.

Entrando nessa mesma perspectiva sobre as experiências que o estagiário vai adquirir, é importante enfatizar algumas contribuições que o Estágio pode trazer para os alunos graduandos. Uma dessas contribuições seria a oportunidade de perceber as suas próprias limitações para buscar o aprimoramento, ou seja, a chance de acertar, mas também de cometer equívocos metodológicos e de enxergar o que funciona e o que não funciona dentro da sala de aula. Sobre isso, Silva (2014, p.17, grifo da autora) nos diz o seguinte:

O Estágio não deve ser entendido apenas como um caminho propiciador de estratégias de “como ensinar”. Trata-se de um processo durante o qual se terá a oportunidade de investigar, analisar, refletir sobre o que está sendo vivenciado e, a partir disso, elaborar propostas que venham transformar positivamente o que fora contestado.

Com relação aos momentos do Estágio, eles se dividem em duas etapas: inicialmente, tem-se a fase de observação e, posteriormente, o Estágio de regência (prática). A primeira fase (observação) tem como objetivo fazer com que os alunos graduandos vivenciem a realidade do que é estar dentro de uma sala de aula, observando a relação entre professor e aluno, a didática usada pelo professor, a sua postura como profissional, como os alunos se comportam, entre outras questões.

Nesse Estágio, o aluno-estagiário vai ter a oportunidade de vivenciar o máximo de experiências possíveis, tanto positivas quanto negativas, para poder levar consigo as informações que o mesmo achar necessário aplicar na prática quando for a sua vez de exercer o papel de professor, ou seja, todo o aprendizado que o professor em formação puder adquirir nessa fase será de grande importância para o desenvolvimento de sua formação profissional. Quando o graduando vai para sala de aula nesse momento do Estágio, vai observar a prática do professor para depois ir para o período de regência, mas essa experiência não é 100% de um todo nova para ele, pois, o graduando já conheceu e já participou desse contexto escolar enquanto aluno. Porém, quando o mesmo volta para sala de aula durante esse processo, ele volta com uma nova perspectiva, ou seja, uma perspectiva de analisar e refletir agora a partir de um olhar formativo, profissional.

Já no Estágio de regência, o aluno graduando vai passar de observador para estar no lugar do professor ministrando aulas. Quando esse estagiário vai para a sala de aula, o professor responsável por aquela turma vai avaliar como esse aluno está se desenvolvendo no decorrer da sua regência, ou seja, esse graduando terá que preparar um planejamento de aula, levando todos os recursos e materiais que considerar necessários para a execução dessa aula. Na maioria das vezes, o aluno-estagiário pode pedir ajuda para o professor responsável sobre qual conteúdo que a turma está estudando naquele semestre e preparar a sua aula em a partir das informações que lhe forem dadas. No final dessas aulas ministradas, o graduando terá que realizar uma avaliação de atividade para saber se os alunos conseguiram aprender bem o conteúdo por eles ministrado durante o seu período de regência.

Vale destacar que ao final de cada Estágio (observação e regência), geralmente, o graduando terá que produzir um relatório com todos os registros vivenciados durante a sua experiência como observador e como regente e, em seguida, apresentar à instituição superior onde está vinculado como forma avaliativa desse momento de sua formação.

Segundo Barreiro e Gebran (2006), sobre a construção da identidade do professor, as autoras dizem ser construída no decorrer do exercício da sua profissão, mas é durante a formação inicial que serão consolidados os pressupostos e as diretrizes presentes no curso de formação que será decisivo nessa construção. Assim, o Estágio curricular pode ser considerado como *lócus* de reflexão e de formação da identidade ao proporcionar impacto no desenrolar das ações vivenciadas pelos alunos e desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Ainda sobre essa construção de identidade do docente, aqueles que nunca estiveram em uma sala de aula atuando como professor, não podem esquecer das dificuldades e das perspectivas desses alunos, pois, uma das maiores preocupações como alunos no curso de formação, é de saber se o curso vai ensinar o graduando a ministrar uma aula e se o mesmo vai conseguir ministrar mesmo sem prática e experiência. Sobre esse mesmo cenário, vejamos o que Pimenta e Lima (2011) dizem:

Como componente curricular, o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos, e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, a realidade dos professores nessas escolas, entre outras (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 100).

Nesse sentido, como as autoras citam, o curso de formação consegue preparar o estagiário para as dificuldades que venham a enfrentar durante os Estágios, “[...] bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina do estágio nas escolas revela” (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 102). Quanto a essa questão, iremos apresentar na seção seguinte algumas reflexões pessoais sobre as experiências que vivenciei enquanto estagiária, especialmente na EJA, e as contribuições que esse processo me proporcionou enquanto professora em formação.

## **4 DA METODOLOGIA ÀS VIVÊNCIAS DOCENTES**

Nosso estudo adota uma abordagem qualitativa, por buscar refletir sobre [...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 32). Dessa forma, vamos apresentar nas subseções a seguir alguns relatos de experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado (Letras/Português) na EJA, em duas escolas da rede pública do município de Guarabira-PB, como também discutir e repensar as práticas e metodologias tanto observadas no período do Estágio de Observação, quanto aplicadas durante o Estágio de Regência.

### **4.1 EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO**

O Estágio de observação é um momento da vida acadêmica no qual o graduando vai para a sala de aula como observador com o objetivo de presenciar o que é ser professor na prática. Para alguns que já exercem a profissão será um momento de grande importância, pois, assistir outros professores exercendo o seu papel como educador será uma oportunidade de levar para si os métodos que oferecem maior eficácia, ou não, no processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que o mesmo adquira mais conhecimentos para dar continuidade a sua vida como docente.

O meu Estágio observação foi realizado no ano de 2018, em dupla com uma colega de turma em duas escolas estaduais da rede pública na cidade de Guarabira-PB, e em turmas da EJA. No ensino fundamental, nas turmas dos ciclos III (6º e 7º); IV (8º e 9º) da EJA e no ensino médio na turma do ciclo VI (3º ano) da EJA.

Essas turmas em que estive inserida, tinham por volta de 10 a 20 alunos com a faixa etária entre 18 e 30 anos. As aulas começavam às 19 horas e eram finalizadas às 22 horas. Durante o Estágio nessas turmas, pude observar que os alunos tinham muita dificuldade de aprender os conteúdos passados nas aulas. Era necessário que a professora explicasse o conteúdo repetidas vezes, mas, mesmo com essas explicações que eram constantes, os alunos não conseguiam compreender claramente. Esse era um dos problemas mais frequentes nas aulas. Também foi possível notar que os alunos não tinham nenhum material em mãos para poder auxiliá-los no entendimento dos conteúdos, fazendo com que esse problema de compreensão ficasse cada vez mais trabalhoso e cansativo tanto para os alunos, quanto para a professora. Era perceptível que a maioria dos alunos dessas turmas eram indivíduos que tinham voltado a estudar depois de anos que estavam fora da escola.

Durante a primeira aula do Estágio realizado na turma do ciclo IV (8º e 9º), a docente realizou a correção de uma atividade de forma dinâmica. A professora pediu

para que cada um dos alunos solicitasse a atividade do colega para corrigir junto a ela no quadro e ao fim ver quantos acertos o colega tinha alcançado. O assunto da atividade era “fonemas”. No decorrer da correção, os alunos demonstravam que não dominavam bem o assunto que, segundo a professora, já tinha sido explicado e finalizado. Essa correção era feita com um pouco de dificuldade, pois a educadora ficava sempre voltando para explicar, esclarecendo para os alunos o que eram os dígrafos, e mesmo assim os alunos tinham dificuldades de compreender toda vez que a questão pedia a identificação em palavras. De sete alunos, apenas um deles conseguia compreender e interagir com a professora.

Na segunda aula, o assunto administrado foi: “Frase, Oração e Período”. A professora apresentou o assunto no quadro e pediu para que os alunos copiassem, para, em seguida, ela explicar. O assunto foi explicado passo a passo, com paciência e precisão. E, por fim, depois da explicação, a professora passou uma atividade para a fixação do assunto (nesse dia só haviam três alunos na sala). Na terceira e última aula, foi feita uma atividade de revisão para a prova com todos os assuntos administrados durante todo o bimestre.

Ainda no ensino fundamental, durante a primeira aula nas turmas do 6º e 7º anos, o assunto administrado foi “Preposição e Crase”. O assunto foi colocado no quadro, para que os alunos copiassem, e a professora deixou para explicar o assunto na aula seguinte. Na segunda aula, a professora fez uma atividade de revisão para a prova com todos os assuntos administrados durante todo o bimestre (havia seis alunos na sala).

Já no ensino médio, o Estágio foi realizado em outra escola e na turma do 3º ano. A professora, durante o Estágio, se mostrou bastante prestativa com os alunos. A interação entre aluno e professor era notável. Cada aluno tinha sua particularidade para desenvolver as atividades aplicadas em aula. E, a professora sabendo dessas particularidades, atendia cada aluno com paciência e dedicação.

Durante a realização das atividades, a maioria dos alunos demonstrava interesse em aprender o que estava sendo compartilhado pela professora. No entanto, alguns alunos não demonstravam interesse com as atividades. Uns se distraíam com o celular, outros com conversas paralelas. E com toda essa distração a professora chamava atenção dos desinteressados de maneira sensata e paciente, mostrando a importância do assunto que estava sendo ensinado.

Foi possível observar também a dificuldade que os alunos tinham em relação à escrita e à leitura nas aulas de produção de texto. A professora enxergando esse grau de dificuldade dos alunos, tentava motivá-los a estudar em todas as aulas, demonstrando a importância e a riqueza da prática da leitura, fazendo com que os alunos enxergassem que um bom leitor e um agente social colaborativo eram aqueles que tinham a prática da leitura.

Todas as aulas eram voltadas à leitura e produções de texto com a finalidade de preparar o aluno para a realização de redações que os vestibulares costumam cobrar, principalmente o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O meio avaliativo que a professora usava, era por meio de provas, trabalhos individuais e em grupos, interação dos alunos com a professora com o assunto administrado no momento da aula, e lista de frequência para a confirmação da presença dos alunos.

Durante a primeira aula a professora entregou um texto contendo a música “*Pra não dizer que não falei das flores*”, com 12 questões referentes ao texto. A professora leu o texto junto com os alunos, em seguida, explicou as questões, exemplificando a forma de como aquelas questões deveriam ser respondidas adequadamente. Durante a aula, os alunos se esforçavam para responder às questões, tirando dúvidas,

mostrando a sua opinião sobre o texto, e a todo momento a professora se direcionava a cada aluno para orientar a atividade. Naquele dia encontravam-se 16 alunos em sala.

A segunda aula foi ministrada na biblioteca com intuito de fazer uma aula diferente, e para que os alunos tivessem acesso aos livros do ambiente. A professora levou alguns temas atuais que são bem prováveis de vir como proposta de redação do ENEM. A mesma apresentou os temas e pediu para que os alunos fizessem uma redação com a mesma estrutura do ENEM, como uma forma de incentivar a escrita e a leitura. E os temas apresentados em sala foram: Racismo e discriminação social; Orientação e diversidade de gênero; Desigualdade de gênero no Brasil; Preconceito Linguístico; Família contemporânea; Crise mundial econômica; Inclusão e exclusão social; Sistema educacional brasileiro; Doenças Virais e saúde pública; e Meio Ambiente.

Na terceira e última aula do Estágio observacional, a professora distribuiu dois temas e dividiu a turma em duplas, para fazer um resumo de cada tema, topicalizando o que mais chamou atenção de cada aluno. Foi entregue um texto de apoio para auxiliar na atividade em sala. Ao término desse Estágio, junto à minha colega de turma, observei os métodos usados que funcionaram e os que não tiveram tanta eficácia no processo de ensino/aprendizagem dos alunos, fazendo com que nós buscássemos analisar como poderíamos ministrar as nossas aulas no próximo Estágio, que seria o de regência. Ou seja, essa experiência foi de suma importância para que nós repensássemos a maneira e os métodos que poderíamos usar na sala de aula para obtermos êxito pedagógico nessa próxima etapa.

## **4.2 EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA**

O Estágio de regência, diferente do de observação, é o momento em que o graduando vai para sala de aula como professor para colocar em prática o que foi aprendido e discutido no decorrer das disciplinas teóricas do curso. Um dos objetivos da regência é fazer com que o graduando tenha oportunidade de conhecer a sua futura profissão e nos fazer pensar que tipo de professores queremos ser, e além disso, tornar possível o aprimoramento da sua formação de professor através da experiência prática oferecida.

Ao analisar todas as dificuldades enfrentadas dos alunos da EJA, minha colega de Estágio e eu, procuramos ministrar as nossas aulas de uma forma mais interacionista para buscar a atenção dos alunos, com intuito de deixar a aula dinâmica e buscando despertar a curiosidade pelo conteúdo ministrado.

Nosso primeiro Estágio de regência teve como objetivo a ministração de dez aulas no ensino fundamental, sendo seis aulas em dupla e quatro aulas em grupo com uma oficina. As aulas começavam por volta das 19 horas e eram finalizadas às 22 horas. A regência foi realizada no ano de 2019 nas turmas do ciclo três e quatro da EJA, que correspondem ao 6º e 9º ano do ensino fundamental. Estas turmas tinham por volta de 10 a 20 alunos no máximo, com a faixa etária entre dezessete e sessenta anos, com variação do sexo feminino e masculino.

Na primeira aula do ciclo três e quatro, o assunto ministrado foi o tema bullying. Introduzimos o assunto perguntando se os alunos sabiam o que era bullying e se já tinham ouvido falar, abrindo uma grande discussão envolvendo todos que se encontravam na sala. Depois dessa discussão, falamos o significado do bullying e especificamos a existência dos tipos de bullying. Em seguida, depois que os alunos já sabiam e já tinham entendido o que seria o bullying, aplicamos uma atividade com

questões discursivas. Ainda levamos um vídeo<sup>3</sup> musical que retratava bem o tema apresentado, ilustrando as angústias de uma pessoa que sofria bullying. E no final da aula levamos uma dinâmica que envolveu toda a turma.

Na segunda aula e nas mesmas turmas, a professora titular pediu para que discutíssemos sobre as variações linguísticas, dando ênfase às gírias. Dessa maneira, levamos vários exemplos em um cartaz ilustrativo como forma de melhor compreensão do assunto. Em seguida, apresentamos um vídeo<sup>4</sup> que falava das gírias nordestinas e, ao final, concluímos a aula com uma atividade que trazia um texto que havia várias gírias, com o intuito que os alunos conseguissem identificar o que cada gíria significava.

Ao final de cada regência, o grupo de estagiários realizou uma oficina em cada turma. Foi apresentada uma dinâmica que envolveu todos os assuntos que todas as componentes do grupo ministraram durante o Estágio de regência. A dinâmica foi desenvolvida como uma atividade de todos os conteúdos. A turma foi dividida em dois grupos, e cada grupo tinha que sortear uma pergunta que era referente a algum dos assuntos já estudado. E, no final, o grupo vencedor ganhou um prêmio pelo maior número de acertos, como incentivo para eles continuarem perseverando nos estudos.

No Estágio Supervisionado III, foi realizado no ano de 2019, nas turmas dos ciclos, V (1º ano do ensino médio); e VI (3º anos do ensino Médio) – EJA. Ao todo as turmas tinham por volta de 10 a 13 alunos com a faixa etária entre 18 a 30 anos. Para as aulas, a professora titular em encontros antecedentes ao início do Estágio, sugeriu-nos alguns temas para as aulas. Concluímos, junto à professora, que trataríamos acerca da Variação Linguística, assunto qual para o ciclo V (1º ano do ensino médio) seria introdutório, e para o ciclo VI (3º ano do ensino médio) seria revisão de conteúdo.

Em nossa primeira aula abordamos o tema proposto pela professora: “Variação Linguística”. No primeiro momento, perguntamos aos alunos que conhecimentos tinham sobre esse tema, na tentativa de iniciar uma aula mais discursiva e dinâmica. E algo que nos chamou a atenção foi a presença de apenas duas alunas na sala de aula que dificultou bastante o debate sobre o conteúdo ministrado. Já no ciclo VI (3º ano), a turma tinha por volta de nove alunos, então conseguimos interagir bem, pois, além da turma ser maior, já tinham conhecimentos sobre esse conteúdo.

Depois dessa breve discussão, fizemos a apresentação de um slide com a explicação sobre “Variação Linguística” e diferentes tipos de variações. Os alunos foram bastante participativos e interagiram, já que segundo alguns alunos, eles não tinham o costume de terem aulas com slides, então o slide foi uma ferramenta que chamou e prendeu a atenção dos alunos ao conteúdo. Logo em seguida, depois da apresentação do conteúdo, levamos um texto de humor para os alunos, nele continha diferentes variações linguísticas. O foco principal dessa atividade era que o leitor escolhido colocasse a entonação na voz da variação presente no texto de maneira mais explícita possível. Foi um momento descontraído, o qual todos os alunos participaram, e que o assunto foi facilmente assimilado, oportunizando uma atividade proveitosa.

Em seguida, apresentamos um poema “*O poeta da roça*” de Antônio Gonçalves da Silva, mas em uma versão musical, o qual contém variações linguísticas. A proposta da atividade era para identificar as variações presentes no poema, os alunos levaram para casa, grifaram as variações e trouxeram na outra aula para finalizar. Na aula seguinte juntamos as turmas (V e anos) para a finalização da atividade.

<sup>3</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww&feature=youtu.be>

<sup>4</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-gmRUR0HiD0>

Repassamos o poema na versão musical, os alunos apresentaram as variações encontradas no texto, e em seguida fomos para a atividade final. Os alunos debateram a leitura e a escrita do texto e traduziram algumas variações simples. Essa atividade produtiva, as turmas conseguiram entender a ideia da atividade e do conteúdo ministrado.

### **4.3 REPENSANDO O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM APÓS ÀS VIVÊNCIAS NOS ESTÁGIOS**

Concluimos as aulas de regência com uma oficina e com toda a equipe de estagiárias. A equipe levou um quiz de perguntas e repostas com todos os conteúdos ministrados nas aulas durante a regência por todas as estagiárias. Com as turmas dividida em dois grupos, demos início a nossa oficina. Colocamos várias perguntas dentro de um recipiente referente ao conteúdo das aulas ministradas e cada grupo retirava uma pergunta e eles decidiam se respondiam ou passavam para o outro grupo. Para incentivá-los a responder as perguntas, levamos prêmios como forma de incentivo para continuarem a estudar.

Esse Estágio de regência me proporcionou uma experiência única, pois tive a oportunidade de pensar que tipo de educadora eu quero ser, e que o papel de professor é fundamental na vida do indivíduo, uma vez que, ser docente vai além da profissão. Nos tornamos também amigos, nos envolvemos com as histórias vividas e sempre estamos compartilhando vivências.

De acordo com as experiências vivenciadas nos dois Estágios, de observação e regência, foi constatado que algumas metodologias usadas, tanto pelas professoras das escolas quanto por mim (enquanto estagiária), tiveram êxito, como também outras que não tiveram. Notamos que a escolha de uma metodologia pode interferir ou ajudar do processo de aprendizagem dos alunos, principalmente quando se trata dos alunos da EJA, que são alunos que a grande maioria deixou de estudar há um tempo, e que precisam de incentivos para permanecerem nos estudos e não desistirem. Partindo dessa mesma concepção sobre a escolha da metodologia, Oliveira (2010) vai dizer que é tarefa do professor proporcionar um ambiente efetivo dentro da sala de aula, ou seja, cabe ao professor estudar maneiras de como deixar mais favorável esse ambiente na sala de aula, com intuito de melhorar o aprendizado dos alunos. Sendo assim, a visão interacionista vai fazer com que esse professor estude estratégias que estimulem o ensino/aprendizagem dando voz ao aluno, para que o discente seja também responsável e participante da construção do seu conhecimento.

Durante o Estágio observacional, percebemos que o método tradicional que uma das professoras utilizou (especificamente nos dias observados) não foi um método que conseguiu fazer com que os alunos se interessassem tanto na sua aula e que nem participassem, até por que os alunos não tinham nenhum material em mãos, e tinham bastante dificuldade em relação ao assunto. O assunto já tinha sido ministrado e explicado, e mesmo assim eles não conseguiram aprender. Esse problema era bem decorrente nas aulas, já que os alunos não tinham nenhum material, eles só tinham os conhecimentos que a professora colocava no quadro.

Sobre esse método usado pela professora, lembramos das discussões de Oliveira (2010) e Krgüer e Ensslin (2013). A partir do que dizem estes autores sobre o método tradicional, vemos que corresponde a um método de ensino que é centrado no professor, a partir do qual este é o único sujeito ativo e o aluno é sujeito passivo no processo de aprendizagem. Nesse método, o responsável pelo ensino é o

professor onde ele vai passar o conteúdo por meio de aulas expositivas. O professor é o único proprietário do conhecimento, ele passa todas as informações sobre o conteúdo, e os alunos tem apenas o dever de memorizar o que está sendo ensinado, ou seja, o papel do aluno é assimilar tudo o que está sendo dito, sem muitos questionamentos e desdobramentos sobre a origem desse conteúdo. Ainda sobre esse método Krgüer e Ensslin (2013) vai complementar:

[...] as aulas que utilizam o método tradicional de ensino centram-se na figura do professor, sendo que os alunos, como sujeitos passivos, apenas assimilam as informações repassadas, porém não contribuem no processo de aprendizagem e seu conhecimento fica limitado às informações repassadas (p.32).

No entanto, ainda o Estágio observacional, a metodologia utilizada pela outra professora foi bastante ativa, pois ela conseguia fazer com que os alunos ficassem atentos à sua aula. Moran (2018) aponta que as metodologias ativas facilitam uma aprendizagem ativa, pois, é através delas que será aumentada a qualidade cognitiva dos alunos, dando a eles a capacidade de modificar e realizar diferentes tarefas, ou seja, é uma oportunidade de darem a eles o papel de serem protagonistas do seu desenvolvimento cognitivo.

A docente titular da turma observada interagiu com os seus alunos, e isso fazia com que eles ficassem com a atenção voltada para ela. Essa docente procurava fazer com que sua aula tivesse uma troca de conhecimentos entre ela e os alunos, e a mesma buscava vários meios para fazer uma aula mais interacionista e dinâmica, como por exemplo, levar todos os alunos para a biblioteca, para sair um pouco daquela rotina de estar somente em uma sala de aula tradicional. Essa prática, fazia com que os alunos se interessassem cada vez mais no que a professora tinha para compartilhar com eles.

Os recursos utilizados por essa professora eram materiais impressos que muitas vezes ela custeava, pois na escola faltava e, para conseguir ministrar as suas aulas, precisava levar de casa esse material. Aulas ilustrativas com slides, questionamentos sobre o que os alunos achavam sobre determinados assuntos e se já tinham ouvido falar, ou seja, a professora procurava fazer com que os alunos participassem do processo de aprendizagem deles mesmos.

Sobre esse método usado por essa outra professora, método interacionista, Oliveira (2010) diz que:

[...] O aluno, sob a perspectiva interacionista, não é mais visto como um ser passivo – ele passa a ser concebido como um sujeito ativo que, para construir seus conhecimentos, se apropria dos elementos fornecidos pelos professores, pelos livros didáticos, pelas atividades realizadas em sala e por seus colegas. (p.28)

Nessa perspectiva, quando fomos ministrar as nossas aulas no Estágio de regência, procuramos filtrar todas as informações que vivenciamos durante esse período de observação, pois queríamos ministrar as nossas aulas de forma mais interacionista e ativa possível, já que foi um ponto que mais nos deixou reflexiva como futuras docentes durante esse momento enquanto alunas observadoras. Sobre a participação do aluno nesse processo, lembramos o que diz Krgüer e Ensslin (2013, p. 34, grifos nossos):

Quando o aluno passa a ser sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem, a participação é mais produtiva do que apenas a informação transmitida pelo professor, como ocorre no método tradicional, ou seja, **os alunos participam ativamente do processo de construção do seu aprendizado** e, dessa forma, conseguem integrar o conteúdo com o que já haviam aprendido anteriormente.

Assim sendo, planejamos as nossas aulas dentro dos pontos positivos e que tiveram sucesso em relação de manter o aluno voltado com a sua atenção totalmente para aula. Notamos também que o professor precisa levar em consideração os aspectos cognitivos e afetivos desses alunos, pois no processo educativo a afetividade é uma dimensão indispensável, que vai abrir portas para um ensino e aprendizagem, já que estamos lidando com alunos de faixa etária diferente um dos outros dentro da sala de aula, que tem problemas na família e no seu dia a dia, que é complicado muitas vezes conciliar o trabalho com a escola e com os filhos. Então, o professor tem o papel muito importante que é de se sensibilizar com a realidade dos alunos e tentar compreender a dificuldade de cada um, buscando fazer de suas aulas um espaço mais dialógico e discursivo, para que todos consigam aprender e se desenvolver ativamente.

Sobre esse desenvolvimento mais ativo, Moran (2018) afirma que a aprendizagem é e precisa ser ativa, pois desde que nascemos, aprendemos ativamente todos os processos de nossas vidas, seja ela pessoal, profissional ou social. Ele ainda afirma que a vida é um processo de aprendizagem ativa, porque no decorrer das nossas vivências, aprendemos a enfrentar desafios cada vez mais confusos e complexo, ou seja, esses desafios vão estimulando as nossas mentes fazendo com que nos tornamos seres mais pensantes e críticos.

Logo, a maior satisfação no final desse Estágio foi ver que os alunos ficaram totalmente focados nas nossas aulas, pois o fato de dar abertura aos estudantes para colocarem seus pontos de vista, abrindo espaço para discussões foi algo significativo para eles. No final de tudo, foi produtivo perceber que os discentes aprenderam o conteúdo de forma descontraída e dinâmica e que não só ensinamos, mas aprendemos junto com eles.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou as experiências no Estágio Supervisionado (Letras Português) na EJA, no qual foram enfatizadas as metodologias do professor no processo de ensino/aprendizagem. Além disso, discutimos sobre a modalidade da EJA e suas especificidades e ainda o papel do Estágio na formação dos futuros professores. Destacamos que o Estágio não é apenas uma disciplina do curso, mas um momento em que o aluno-estagiário vivencia situações práticas nas quais vemos as dificuldades reais do ensino e os desafios que o docente enfrenta no dia a dia. Essas experiências mostraram os impactos que cada Estágio proporciona na vida do graduando como locus de formação e reflexão no trabalho docente, fazendo-o refletir sobre a sua função como professor dentro da sala de aula.

Outro ponto que foi apresentado no decorrer do trabalho, foi a prática das professoras e a minha prática no momento de ministração das aulas no período dos Estágios, o qual ficou claro os pontos positivos e negativos na hora de escolher uma metodologia base para ser trabalhada para ministrações das aulas. Sendo assim, foi

possível perceber alguns métodos que realmente funcionaram e outros que não tiveram tanto sucesso. Sendo assim, é importante analisar e levar em consideração as diferenças e as individualidades do público o qual vamos trabalhar para, dessa forma, adotarmos os métodos adequados para promover uma aprendizagem mais ativa. Nesse momento de Estágio, tivemos a oportunidade de apenas trabalhar com o público da EJA, que por sinal, não foi uma tarefa fácil, pois em todos os planejamentos de aulas, era necessário sempre levar uma aula mais dinâmica e interacionista. Mas, sabemos que nem sempre vamos conseguir levar uma aula diferente, tudo vai depender do assunto, e do momento da ministração dessas aulas.

Concluimos então o nosso trabalho, afirmando que os objetivos que propomos para essa discussão foram alcançados e destacamos que essas vivências nos mostraram que o trabalho docente tem muitos desafios e que muitas vezes precisaremos voltar para o método tradicional, até porque não existe um método certo e um método errado, o que existe é o método que vai se adequar e funcionar no contexto em que o professor e alunos se encontram sempre amparados por um fazer técnico e pedagógico a partir de um olhar de professores pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, de Adriana; CORSO, Angela Maria. A Educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos e sociais. **Edecere XII Congresso Nacional de Educação**, PUCPR, Paraná, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753\\_10167.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf). Acesso em: 27 jul. 2021.

ALVES, Aldarlene da Silva; CARNEIRO, Daniele Moreira. **A educação de jovens e adultos (EJA) segundo a pedagogia de Paulo Freire**. 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Amapá, Santana, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unifap.br/handle/123456789/197?mode=full>. Acesso em: 27 set. 2021.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e Estágio Supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. **XVII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**. 2012. Disponível: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>. Acesso em: 12 ago.2021.

BORSSOI, Berenice Lurdes. O estágio na formação docente: da teoria à prática, ação-reflexão. **1º Simpósio Nacional de Educação XX Semana da Pedagogia**, Cascavel-PR, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/255975-O-estagio-na-formacao-docente-da-teoria-a-pratica-acao-reflexao.html> Acesso em: 13 ago. 2021.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Governo Do Estado Do Paraná Secretaria De Estado Da Educação. Superintendência da Educação. Curitiba, 2006. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_eja.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf). Acesso em: 01 ago. 2021.

KRÜGER, Letícia Meurer; ENSSLIN, Sandra Rolim. Método tradicional e método construtivista de ensino no processo de aprendizagem: uma investigação com os acadêmicos da disciplina Contabilidade III do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Organizações em Contexto**, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 18, jul- dez, 2013. Disponível em: [https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/OC/article/view/4306/pdf\\_82](https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/OC/article/view/4306/pdf_82). Acesso em: 10 set. 2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018, p. 2-25.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber**: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Karla Valéria Araújo. **O Estágio Supervisionado e o Ensino do Gêneros Textuais**: concepções de professores em formal inicial. 2014. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Interface Teórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014. Disponível: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4074> Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SOUZA NETO, Samuel de; IAOCHITE, Roberto Tadeu. Os desafios do estágio curricular supervisionado como lócus central da construção da identidade do professor de educação física. **Edecere XII Congresso Nacional de Educação**, Curitiba-PR, 2013. Disponível: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/12624\\_7139.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/12624_7139.pdf). Acesso em: 10 ago. 2021.

VERIDIANA, Francisca da Silva. **Uma breve discussão sobre quem são sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula.** João Pessoa, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11227/1/FVS30052018.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2021.